

Sandra Brito

## Associativismo recreativo-cultural: sentidos de uma prática. O clube Fenianos Portugueses.\*

### R E S U M O

O presente artigo pretende, através de um estudo de caso, abordar o associativismo recreativo cultural português do início do século XX, enquanto meio de intervenção activa, por parte de uma burguesia, na construção de novas realidades (económicas, políticas, sociais e culturais). No início desse século, as associações (incluindo as recreativas) possuindo uma capacidade legitimada de intervenção na sociedade, para além de assumirem um papel fundamental em termos de reestruturação da sociabilidade, acabam por funcionar também como instrumentos de legitimação e consolidação de posições sociais, levando os seus beneficiários a incluir nas actividades destas agremiações outras formas de participação na sociedade, nomeadamente no domínio político. O Clube Fenianos Portugueses é disso um exemplo.

A abordagem histórica de domínios como o da sociabilidade, entendida como os laços existentes “entre os indivíduos e os grupos sociais, configurando valores e comportamentos colectivos”<sup>1</sup> (ou seja, as formas de relacionamento, essenciais ao processo de socialização do homem e apenas inteligíveis no contexto social em que emergem e do qual são reflexo), é hoje entendida como de sumã importância para a melhor compreensão das diversas facetas da realidade (económica, política, cultural, social, religiosa...). Não fossem essas mesmas facetas/domínios da realidade resultantes das diferentes formas que podem tomar os relacionamentos humanos e dos diferentes propósitos que os orientam, ainda que sempre interagindo entre si e impossíveis de separar, de forma total, qualquer que seja o tipo de relação em causa.

Falar de sociabilidade implica abordar noções como a de “lazer”<sup>2</sup>, uma vez que a sociabilidade teve nele um das suas mais fortes expressões. Importa, também, ter sempre presente que este tempo de lazer pode ser orientado de forma a cumprir outros objectivos. No período da viragem do século XIX para o XX (intervalo temporal em que se centra este estudo), o preenchimento deste tempo teve como principal factor de dinamização o associativismo.

<sup>1</sup> ROQUE, 1990.

<sup>2</sup> Conjunto de ocupações a que o indivíduo pode dedicar-se voluntariamente, após cumprir todas as suas funções diárias, as quais podem não estar, necessária ou exclusivamente, ligadas à diversão. CORBIN, 2001.

Ora este presente trabalho pretende abordar o associativismo através da apreensão dos múltiplos sentidos sociais inerentes às suas práticas, tendo como plataforma a constatação da existência de uma complexidade inerente à definição do real domínio de intervenção das suas actividades, as quais extravasam, em muitos casos, os que foram definidos nos seus estatutos iniciais. Entendemos esta realidade como sendo reflexo não só das múltiplas formas que pode tomar o relacionamento humano (familiar, profissional, cultural, social, ideológico ....) mas também da impossibilidade de as separar completamente (uma relação do foro recreativo pode incluir muitas outras relações em simultâneo: sociais e económicas, p. ex). Isto mostra a complexidade inerente ao estudo das práticas de sociabilidade, as quais são trespassadas de sentidos vários, que extravasam o campo da folia, mesmo quando nos encontramos no domínio da sociabilidade festiva. Aliás, a festa pública colectiva (ou outra acção no campo do recreativo) é muito mais do que um momento de folia. Ela diz-nos muito sobre os seus actores e promotores, suas intenções, sobre o seu tempo, reflectindo muitas das suas dimensões (económicas, políticas e sociais), inclusive as tensões e conflitos existentes na sociedade.

Ora, o que vamos procurar apreender e explorar neste trabalho são os sentidos sociais inerentes a um conjunto de práticas resultantes da actividade de uma associação categorizada como recreativo-cultural (carnavalesca).

1 - O cenário é a cidade do Porto no início do século XX. O contexto é o de uma urbe que se esforçava por caminhar apressadamente em direcção ao Progresso e à Civilização que caracterizavam outras cidades do mundo, de que Paris parecia ser o centro, com todas as suas traduções económicas, políticas, sociais e culturais. Importava-se e procurava-se implantar tudo o que fosse considerado civilizado ou promotor de civilização. A construção desta cidade civilizada, idealizada pelos intelectuais de acordo com a sua visão do mundo e com os novos valores emergentes – imposição de modelos burgueses- e promovida por um núcleo específico de indivíduos, implicava o romper com tudo o que se opusesse a ela e, se necessário, o combate aberto à realidade que consideravam oposta, não civilizada ou comprometedora do progresso. Eram realidades diferenciadas, cujo confronto se efectuava em várias frentes, em que a civilização procurava implantar-se e erradicar o adversário do campo de acção. Diversas foram essas frentes de combate, desde o domínio do lazer e da festa<sup>3</sup> até ao domínio político, assim como múltiplas foram as armas de combate, muitas delas concebidas e levadas a cabo no meio associativo. Foi numa sociedade em mudança, à procura de novos rumos e alternativas para o futuro do país, fértil em discussões intelectuais que tinham como tema a civilização e como pontos de debate a tradição e a modernidade, discussão com reflexos não apenas no mundo político ou económico, mas também no mundo do lazer; e numa cidade considerada do contra poder<sup>4</sup>, que tinha no associativismo uma das suas grandes forças, que se fundou, a 25 de Março de 1904, o Clube Fenianos Portuenses.

---

<sup>3</sup> Ver BRITO, Sandra - O Carnaval e o Mundo Burguês (no prelo) História - FLUP.

<sup>4</sup> Ver GUICHARD, 2000: 522-637.

Apresentou-se à cidade como um clube, recreativo-cultural, que tinha “*por fim especial o rejuvenescimento do carnaval, assim como quaesquer outros festejos que a direcção entenda, devidamente autorizados, que interessam não só à cidade, como a comercio em geral...*”<sup>5</sup>. O Clube Fenianos apresentava-se não como mais um espaço de sociabilidade masculina, mas principalmente como uma sociedade carnavalesca com o intuito de “*fazer renascer*” o Carnaval portuense, pretensão e actividade cujos sentidos e significado social é tema de um outro artigo<sup>6</sup>. Num contexto de discussão pública sobre a construção de sociedade portuguesa civilizada, o Clube Fenianos Portuenses era portador de um projecto de intervenção, centrado em valores como a Civilização e o Progresso, bem mais amplo e encerrando sentidos mais profundos de que é perceptível ao primeiro olhar.

Essa ideologia de Civilização e Progresso não foi apenas aplicada, pelos Fenianos, à festa carnavalesca, mas também a outros momentos de sociabilidade assim como em actividades e projectos relacionados com a transformação da cidade sob uma perspectiva liberal<sup>7</sup>. Tal como a intelectualidade, o Clube Fenianos abraçara as grandes causas relacionadas com o futuro do país. A causa do Momo foi apenas uma delas. Outras, de ordem social, económica e tocando as franjas da política, presentes desde logo no seu amplo projecto de civilização, haveriam de orientar a sua actividade num segundo momento. Podemos dizer que o Clube procurara, através do conjunto das suas actividades, independentemente dos sentidos provenientes da instrumentalização das mesmas em prol do reconhecimento público de um conjunto de indivíduos, intervir activamente na discussão promovida pelos intelectuais sobre a necessidade de edificar uma sociedade civilizada, num período de procura de alternativas para os destinos da nação.

Numa época de alterações sociais profundas, imperceptíveis mas definitivas onde, cada vez mais, uma classe comercial emergente, possuidora de fortunas por vezes acumuladas por gerações anteriores, procurava vias de participação na sociedade para assim construir nela o seu lugar, o associativismo recreativo apresentou-se-lhes como uma hipótese entre várias. Lentamente esta nova classe comercial vai criar os seus instrumentos, entre os quais as ditas associações, para assim intervir na sociedade de acordo com um código de valores próprio que vai tentar impor à sociedade em geral. Não esqueçamos que, como diz Dominique Mhel, “*o movimento associativo representa também o recipiente no qual são formados, identificados, desdobrados os contra sistemas ideológicos, portadores de novos movimentos sociais, pondo em causa, pelas suas ideias e seus combates, os valores centrais (...) das sociedades*”<sup>8</sup>. O associativismo como uma das formas de intervenção na sociedade, sendo um movimento europeu, encontrou também em Portugal terreno fértil.

<sup>5</sup> Art. 1º - Estatutos CFP de 1904. ADP, Cit. 101, Maço 150. (negrito nosso).

No estatutos do Clube, assim como nas actas iniciais torna-se evidente uma das linhas mestras desta associação na sua 1ª fase de vida [1904-1920] – a sua ligação ao comércio. Esta ligação é um elemento estruturante do próprio clube, evidenciando-se quer na análise das suas actividades, como o Carnaval, o seu financiamento e sentidos, quer na composição social dos seus associados. Sobre o assunto ver BRITO, 2004: cap. I-II.

<sup>6</sup> Ver Ver BRITO, Sandra - O Carnaval e o Mundo Burguês in Porto, Universidade - Revista da Faculdade de Letras: História 2006. (no prelo).

<sup>7</sup> Ver BRITO, 2004: cap. III.

Numa época em que o destino do país estava em efervescente discussão, os homens que a promoviam procuravam mobilizar para a sua causa sectores da população cujo apoio consideravam fundamental – os burgueses. Estes homens não ficavam apáticos perante o curso da História. Actuavam e lutavam pela concretização dos seus ideais, não defendessem eles a noção de cidadão activo, consciente de direitos e deveres e sendo capaz de se organizar para agir e defender os seus interesses (pessoais e colectivos)<sup>9</sup>. Ora, o associativismo funcionou neste contexto como uma das principais formas de intervenção activa, por parte de alguns actores sociais, em todo este processo de construção de novas realidades, nas quais pretendiam rever-se e, se possível, ser delas os responsáveis.

Foi dentro desta linha de pensamento que os Fenianos se organizaram e elaboraram esse amplo projecto de intervenção (pontuado de significados e objectivos vários), lutando pela sua concretização independentemente das contradições com que se depararam ou dos riscos que tiveram que assumir. Se inicialmente se orientaram para o domínio a que foram chamados a intervir (carnavalesco), rapidamente se verificou uma deslocação de forças para as actividades de conotação civil e até política. Aliás, o domínio político era outra das dimensões da realidade que estes homens consideravam como sendo, também, necessária civilizar/alterar para assim atingir o estado de civilização dos países modelo. Quando os Fenianos decidiram intervir na festa pública carnavalesca – enquadramento do lazer popular – e apresentaram um novo carnaval, um carnaval civilizado, burguês, enquanto alternativa às tradicionais práticas carnavalescas, não deixavam de aludir a possíveis transformações políticas na sociedade portuguesa. Os modelos que chegavam de França ou até da capital do Brasil não se referiam apenas à folia, mas também à construção do futuro político do país. Lá estava o Progresso e a República.

Esta outra faceta do projecto Feniano, ainda que existente, esteve como que camuflada durante a sua primeira fase de vida, uma vez que esta agremiação, não era, institucionalmente, uma associação com fins políticos. Aliás, desde o primeiro momento, procuraram passar a imagem de neutralidade nesses domínios. No entanto, não raras as vezes, a dimensão política inerente ao seu projecto ou aos homens que o concebiam e o punham em prática, tornava-se deveras evidente. A análise quer da imprensa carnavalesca quer dos cursos do chamado Carnaval Civilizado (burguês), ambos da responsabilidade do Clube, integrados no projecto de enquadramento do lazer popular e imposição dos modelos de sociabilidade burguesa, permitem a constatação dessa realidade<sup>10</sup>. Começando pela imprensa carnavalesca Feniana<sup>11</sup>, encontramos-a repleta de sentidos políticos. Subjacente a muitos dos textos carnavalescos destas publicações estava uma crítica ao sistema monárquico e à sua política<sup>12</sup>. Um exemplo presente no jornal feniano é a

<sup>8</sup> VILAÇA, 1993.

<sup>9</sup> Sobre esta questão ver CARVALHO, 2000.

<sup>10</sup> Ver BRITO, 2004: cap. II.

<sup>11</sup> Destaca-se as publicações “Porto Carnavalesco” e “Echo Feniano e Gironдино”.

<sup>12</sup> Um dos vários exemplos de textos carnavalescos fenianos trespassados de sentidos políticos nas suas comparações, são aqueles que aludem à política do governo:

“*Biographia d’um condemnado à morte*”, no qual a morte do Carnaval é, subtilmente, associada a uma possível morte (queda) da monarquia, enquanto outros se referem mesmo à sua substituição pelo sistema republicano:

*“(…) Enquanto houver uma senhora que com a sua mascara na cara nos mostre na rua o que de cara descoberta mal deixa adivinhar, enquanto o desbragamento for espirito, o Carnaval pode estar mais tranquillo do que o senhor D. Carlos com toda a sua politica: não haverá quem o desthrono. Todavia é um condemnado à morte como as autocracias: pode durar séculos e pode agonisar numa noite. (...)”*

*“(…) Às nove horas da noite já ninguem se lembrava do execranto extinto, e a cidade dirigia-se aos theatros de s. João, do Príncipe, d’Águia d’Ouro, ao Carlos Alberto (...) com esse jubilo peculiar aos povos que acabam de libertar-se de um tyranno. O «Lavrador de S. Cosme», e o «Princez», toda a familia Real do Entrudo havia partido já para o exílio. O chefe da dynastia jazia no cemiterio dos esquecidos. Reinava uma Republica Aristocratica que parecia sonhada pelo professor Albuquerque. O Porto gosava a sua primeira hora de civilização carnavalesca”<sup>13</sup>.*

Se no primeiro texto, ainda que referindo-se sempre ao Carnaval, é clara a referência à intranquilidade que o sistema monárquico vivia naquele período, criticando um sistema que consideravam condenado à morte, no segundo transparece um apoio ao republicanismo, denunciando uma tendência política, se não do Clube (os estatutos iniciais não permitiam discussões ou identificações nesse âmbito) pelo menos dos seus principais representantes<sup>14</sup>, o que justifica, em parte, a conotação republicana que irá ser atribuída a essa agremiação. Coincidência ou não, as cores simbólicas do Clube Fenianos (vermelho e branco) eram as mesmas do regime republicano. Andar com uma gravata às riscas transversais vermelhas e brancas (em voga na época) era sinónimo de ser Feniano (associado ou não). Em simultâneo exibiam-se as cores da República. Se para muitos o seu uso não ultrapassaria o sentido de ser Feniano, para outros podia ter também um sentido político<sup>15</sup>.

---

*“(…) O Carnaval de 1905 foi uma authentica acclamação d’essa dynastia que, se não vem investida de um poder politico para governar os destinos carnavalescos, está incontestavelmente unvida pelo sufragio popular, á flor da qual anda a saudade de Bordallo, a mocidade de Augusto Pina e a influencia de Silva Cunha – entre outros quasi impossivel de catalogar. (...) Como Rei Constitucional que é, S. M. o Carnaval não podia mesmo dispensar dois fortes partidos para estabelecer o tão nacional rotativismo politico. Com a differença que, como carnavalesco que é, este rei governa com dois partidos, dos ministérios simultaneamente, mas sem o juiz Veiga.” (Porto Carnavalesco. 1906, p. 23).*

<sup>13</sup> Porto Carnavalesco, 1906, p. 17

<sup>14</sup> Algumas das suas principais figuras (sócios activos) e dirigentes eram republicanos assumidos, pertencendo a associações políticas como o Centro Republicano e acabando, alguns deles, por ser eleitos deputados republicanos.

<sup>15</sup> A simpatia do Clube pelo regime republicano, ainda que não abertamente declarada, é evidente em muitas das suas opções em termos de actuação durante esta primeira fase de vida. No domínio da actividade carnavalesca, podemos tomar como ex. a sua posição aquando do regicídio (01-02- 1908). Acontecimento lamentado pelo Clube, que apresentou à rainha as devidas condolências, mas que não impediu a realização das suas festas carnavalescas, num período que abrangia ainda o de luto nacional. Levada à mesa das Instâncias Superiores, a decisão era justificada pelo facto das festas contribuírem para “*dissipar e purificar o carregado ambiente em que então se vivia*”. (Relatório da Direcção do Clube. 1907-1908, p. 94).

Mas não era unicamente nestes jornais carnavalescos Fenianos que estes sentidos (políticos) podiam ser apreendidos. As manifestações das suas ideologias, que consideravam a monarquia condenada ao exílio ou à morte e identificavam a República como o alcançar do estado de civilização em termos políticos, passavam ao domínio público ao serem hasteadas nos carros críticos e nas alegorias dos grupos carnavalescos exibidos durante o corso. Um dos vários exemplos da envolvimento ou sentido político do corso Feniano fora a presença do chamado «Grupo das Rolhas» (1906), que seguia o Carro da Imprensa numa representação da “*rolha que acompanhava o pensamento portuguez*”<sup>16</sup> e cuja crítica política estava centrada no «Grupo da Rainha das Rolhas e seus caudatários» que o deveria liderar. No entanto o comissário geral da polícia (Dr. Adriano Accácio), considerara que esta exibição carnavalesca, ao representar a rainha e as suas damas com cabeças em forma de Rolha, era uma ofensa à família real<sup>17</sup>, proibindo assim a sua saída do Palácio de Cristal, onde se organizava o corso.

Outro exemplo fora o “Carro do Dentista Nacional”, cuja alusão parodiava a política dos impostos (dentes) que iam sendo aplicados (extraídos) ao Zé Povinho. Tal como no exemplo anterior, também o figurante (actor) que, do cimo do Carro, distribuía um manifesto a partir de uma mesa representativa da de um charlatão de feira foi obrigado, pela autoridade, a despir-se da caracterização representando o presidente do Conselho da época (José Luciano de Castro)<sup>18</sup>. Nos anos seguintes, não só se acentua a crítica ao sistema político vigente como se evidencia uma ligeira apologia ao republicanismo, de que é exemplo o “Carro do Teatro do Sê Bento” - um teatro de fantoches representando a Câmara dos Deputados, cuja base “*era ornamentada com grande cabeças de Zé Povinhos, umas que choravam e outras que riam. As que choravam estavam rodeadas de serpentes azues e brancas, e as que riam de serpentes vermelhas*”<sup>19</sup>

Mas esta crítica do sistema político através dos carros carnavalescos, mais do que evidenciar a defesa de uma pretensa autonomia municipal, tomava sobretudo a forma de defesa de um povo desprotegido (Zé Povinho), “vítima de impostos e de promessas de charlatões de feira (políticos)”, de que são exemplos extremos os carros-críticos acima referidos<sup>20</sup>. Ao mesmo tempo que, teoricamente, procuravam ensinar, a este povo

<sup>16</sup> Porto Carnavalesco, 1906.

<sup>17</sup> *Echo Feniano e Girondino*. Porto: Costa & Carvalho, ano 1. n.º 5. (1906).

<sup>18</sup> *O Porto Carnavalesco*. 1907.

<sup>19</sup> Composição cenográfica do Carro do Teatro Sê Bento : “(...) *Á frente via-se uma enorme cabeça de Zé Povinho, carregando com várias albardas e apresentando no rosto diversos adhesivos com as palavras . «Decima, Impostos, Divida», etc. Depois era o corpo do carro, vendo-se á frente uma plataforma onde, numa especie de varanda, se lê o seguinte letreiro : «Teatro Sê Bento, Empreza Poli...Chinello e C.ª. Director num xe xabe.» Nessa varanda via-se ainda uma albarda. (...) atrás d'elle ia o Teatro de Fantoches, representando o espectáculo uma sessão na Camara dos Deputados. O palco era decorado com cabeças de carneiro e batatas ao lado iam dois grandes ursos de casaca, com o distico : «Figuras de fazemos». No alto do carro via-se um enorme chapéu de bicos que representava o sotão dos ministros, ao qual se vêem trepando numerosos macaquinhos. A fralda do carro é era ornamentada com grande cabeças de Zés Povinhos, umas que choravam e outras que riam. As que choravam estavam rodeadas de serpentes azues e brancas, e as que riam de serpentes vermelhas. Em volta da cabeça que ria via-se os disticos : - «Chamo á ordem! Retiro a Palavra! Fôra! Veja o regimento! Força Armada!».* (...)” (Porto Carnavalesco. 1908. p. 12)

<sup>20</sup> O carro do Dentista Nacional estava ornamentado com dentes que simbolizavam os impostos extraídos ao Zé Povinho, também aí representado.

considerado de costumes bárbaros, como festejar civilizadamente o Carnaval, os promotores deste projecto civilizador apresentavam-se também (com objectivos políticos concretos) como seu porta-voz, falando em nome dele, das suas dificuldades e preocupações<sup>21</sup>. Daí que a figura do Zé Povinho, questões como os impostos ou as cozinhas económicas, surgissem frequentemente nas cenografias dos carros<sup>22</sup>. Esta posição de porta voz e defensor de um *povo - cidadão* tinha todo um propósito político, inserindo-se num movimento de crítica à monarquia e de defesa da ideologia republicana.

O Clube Fenianos Portuenses, ainda que sendo uma associação de cariz recreativo cultural carnavalesca, não organizou aquilo a que chamou “Carnaval Moderno”, “Civilizado” ou “Burguês”, apenas para folia gratuita ou unicamente para fazer rir. Concebido de forma a responder a interesses vários, incluindo o de fazer pensar de acordo com os seus próprios parâmetros, trespassavam-no os mais diversos sentidos<sup>23</sup>, entre eles a imposição de valores de uma ideologia de óptica liberal, incluindo no domínio político, que percorria os vários países. Os carros e a imprensa carnavalesca referidos, concretizam e prolongam o projecto Feniano de Civilização e Progresso, de que o Carnaval era apenas uma parte, quando não se transformava num meio. O seu curso, mais do que a concretização de um projecto que visava civilizar o Carnaval, transformara-se num meio de difundir as suas ideias e valores, referentes a outros domínios que não o carnavalesco. Através dele não se procurara apenas dar o exemplo de um Carnaval civilizado, mas também difundir opiniões políticas aliadas a conceitos como civilização e progresso (republicanismo).

Apesar de todas as afirmações públicas por parte do Clube Fenianos, procurando afastar-se (pelo menos teoricamente) de uma identificação com qualquer ideologia política, a verdade é que a sua evolução enquanto colectividade mostra uma aproximação e envolvimento cada vez maior na vida política, assim como a existência de uma identificação ideológica, embora inicialmente discreta. Ainda que os seus primeiros estatutos proibissem, no capítulo das disposições gerais, tratar de assuntos políticos assim como disponibilizar qualquer dependência do Clube para assuntos dessa natureza, procurando assegurar desta forma a neutralidade necessária para a concretização dos seus fins civilizadores e para o seu crescimento e consolidação enquanto colectividade recente que

<sup>21</sup> Ver “Impressões de Carnaval”. *Echo Feniano e Girondino*. ano 1. n.º 2. (Março de 1906), p. 2.

“ (...) É, pois, bem nobre e sympathico o fim d'estes dois Clubs [ Fenianos e Girondinos ] : não é só prommover festas; é também para desenvolver o commercio, que é fonte de riqueza de um paiz, para procurar o bem estar do povo, confortal-o na sua dor, propagar a civilização, unil-o e fraternizal-o, chamal-o ao sentimento de solidariedade. Estas festas tem mais a vantagem de arrancar dos seus lares, onde vivem retiradas do mundo e quasi indifferentes á vida exterior, centenas de individuos entorpecidos e de um viver excentrico pela má e monotona convivencia que têm, a ponto de se embrutecerem(...)”.

<sup>22</sup> Para além de outros carros alusivos à questão dos impostos (Carro do Tio Fisco. 1909), veremo-los hastear, no cimo dos seus carros alegóricos, questões como a urgência de mais cozinhas económicas (Carro das Sopeiras. 1905) ou a questão do descanso dominical e encerramento das lojas, de que beneficiariam sobretudo os caixeiros e outros empregados comerciais (Carro do Encerramento. 1906)

<sup>23</sup> Sobre os diversos sentidos que se podem apreender nos cursos fenianos do início do século XX ver o capítulo II de BRITO, 2004.

era, vimos já como essa fora uma impossibilidade, ainda mais quando entre os seus dirigentes e associados mais activos estavam republicanos assumidos<sup>24</sup>.

Esta presença de republicanos activos entre os associados do Clube tornou-se mais evidente após a eleição dos deputados para as constituintes de 1911, entre os quais se encontravam muitos fenianos, fossem eleitos pelo Círculo do Porto, Amarante, Moimenta da Beira, Braga, Barcelos, St. Tirso, ou de Lamego. Todos eles haviam tido e continuavam a ter uma vida activa no campo político, do que aliás nos dão conta as sínteses biográficas apresentadas na sequência das eleições para as constituintes<sup>25</sup>, sendo certamente tema de muitas das suas conversas, que ocorriam em espaços de sociabilidade diversos, como nos cafés, nas tabacarias e, principalmente, nos clubes.

Referimo-nos ao facto de, por coincidência ou não, as cores do Clube idênticas às republicanas. Mesmo que se considere que este facto não revela nenhuma tendência política, tendo sido resultante de uma escolha aleatória (o que não me parece<sup>26</sup>), atitudes como as felicitações ao presidente da República brasileira, aquando dos aniversários da proclamação do regime republicano naquele país, deixam transparecer uma inclinação ideológica do Clube Fenianos por detrás de gestos tidos como apenas de cordialidade e de diplomacia, como aliás nos deixam perceber alguns desses ofícios:

*“Tenho a honra e a satisfação de apresentar a V.Ex<sup>a</sup>, em nome do Clube Fenianos, as mais calorosas saudações, pela memorável data d’hoje, tão gloriosa para o heroico paiz de que V.Ex<sup>a</sup> é digno e legítimo representante n’esta cidade. Portugal e Brasil estão intimamente ligados não só por afinidades de linguas e comunidade de interesse commerciaes, mas ainda pelos mais estreitos laços de solidariedade e fraternidade. A data d’hoje é pois, para o povo portuguez um motivo de grande contentamento e mais especialmente para o Club Fenianos Portuenses, porque d’elle faz parte, desde o seu início, um numeroso núcleo de illustres membros da colónia brasileira n’esta acidade, que extraordinariamente tem concorrido para o engrandecimento do mesmo Club. Cumpro pois, o indeclinável dever de felicitar a V.Ex<sup>a</sup>, como Chefe d’essa prestante colonia, em nome do Clube Fenianos Portuenses, n’este dia do anniversario da implantação do regime actual do Brasil, alcançado por um heroico esforço, que justamente assombrou as nações cultas.*

*Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>, 15 Novembro de 1907.*<sup>27</sup>

<sup>24</sup> O Clube Fenianos chegou mesmo a ser acusado de estar a “fazer política republicana”, o que levou um dos seus directores a colocar a questão numa das reuniões de Direcção de Maio de 1908. Ainda que a Direcção desmentisse qualquer motivação política, as suas opções pareciam evidenciá-la. Aquando da deslocação do Rei D. Manuel I ao Porto (1908), a Direcção feniana decide que para demonstrar respeito ao chefe de Estado seria içada a bandeira do Clube no dia da sua chegada e no dia de gala (também o era noutras datas, como na do aniversário da agremiação). Caso o Rei visitasse a sede do Clube, o que supunham não acontecer, decidiram que este seria recebido pelo director do mês (ao contrário de outras personalidades que visitavam o Clube, como o caso de Afonso Costa, que eram sempre recebidas pelo presidente, vice presidente e directores da agremiação). ACFP – Fundo: CFP. Série: Actas de Direcção. Lv. ano 1908.

<sup>25</sup> As Constituintes de 1911 e os seus Deputados. 1911.

<sup>26</sup> Não será certamente por mero acaso que as riscas diagonais vermelhas e brancas, que ocupam quase toda a bandeira do Clube e também as gravatas, ditas fenianas, usadas pelos seus associados, serviram também de grafismo para

Embora o Clube alegue como justificação deste gesto, a presença de um número significativo de brasileiros entre os seus associados, o serviço por eles prestados e as relações cordiais com agremiações e individualidades desse país, torna-se evidente o seu apoio ao regime republicano, considerado acto heróico e característico das nações cultas, diga-se civilizadas<sup>28</sup>. A reforçar esta posição, a Direcção afirma ser a “*nação americana [Brasil], exemplo e modelo para toda a Europa*” a quem devia por isso prestar “*homenagens da sua admiração, respeito, fraternal amizade, nos aniversários da data mais memorável da sua historia – a implantação do seu actual regime [República]*”<sup>29</sup>. Era evidente a inclinação para o republicanismo, se não do Clube abertamente (os estatutos não o permitiam), pelo menos dos indivíduos que o dirigiam.

Por outro lado, ainda que a sua lei estatutária proibisse a discussão política no interior do Clube, esta não só existia como esteve na origem de muitos desentendimentos entre associados. O facto de se discutir política não surpreende, uma vez que os clubes eram então importantes centros de sociabilidade, onde a conversa era uma das práticas mais comuns. Ora, sendo esta uma época de grande instabilidade e incerteza política e em que o destino do país se tornava um dos grandes temas de discussão, era de esperar o confronto de ideias (resvalando muitas vezes para o confronto físico) nos locais onde essas discussões se iniciassem. Daí a sua proibição no interior do Clube.

Estas discussões eram muitas vezes suscitadas pela leitura e comentário dos jornais diários da época e conseqüente divergência de opiniões. Fazendo uma listagem dos periódicos que o Clube adquiria e colocava à disposição dos associados no Gabinete de Leitura verificamos que, para além dos jornais ditos noticiosos, era possível encontrar alguns conotados com posições políticas mais conservadoras ou mais de esquerda, mas na maioria de feição republicana. Do Porto, para além dos três principais órgãos noticiosos (*o Primeiro de Janeiro, o Comércio do Porto e o Jornal de Notícias*), os jornais “*A Voz Pública*” e a “*Montanha*”<sup>30</sup> faziam também parte das leituras diárias. Dos periódicos vindos

---

a capa do relatório do Clube no ano de 1910-11, período em que ocorreu a implantação da República no país. Ainda mais que nenhum outro relatório (anterior ou posterior) apresenta tal grafismo, tendo apenas uma só cor variável entre os tons acastanhados.

<sup>27</sup> *Clube Fenianos Portuenses Relatório de Direcção*. 1908. pp. 71-72.

<sup>28</sup> Esta associação da noção de civilização à necessária renovação do regime político, através da implantação da república, é evidente noutros ofícios Fenianos de felicitação pelo advento daquele regime no Brasil:

“*Os progressos do grande povo Brasileiro, tão dignamente representado nesta cidade (...) na sua riqueza colectiva ou no esplendor da sua civilização, não podem ser indiferentes ao sentimento da Patria Portuguesa, que está ligada ao Brasil por estreitos laços de solidariedade(...) Ora a data que a florescente Republica Brasileira hoje comemora, marca o inicio d’um esplendido ressurgimento moral e mental, que o sol fecundante da liberdade illuminou. O heroico esforço produzido pelo Brazil para alcançar essa liberdade, encheu de admiração e commoveu profundamente os paizes conscientes pela sua cultura, e dominantes pela sua potencia material. (...)*” (*Clube Fenianos Portuenses Relatório de Direcção*, 1907: p. 54-55 ).

<sup>29</sup> *Clube Fenianos Portuenses Relatório de Direcção*, 1908. p. 33.

<sup>30</sup> A publicação do jornal *Montanha* foi proibida em Maio de 1915, pelo general comandante de divisão do exército. (*Comércio do Porto*, 16 -05-1915.) As relações da Direcção deste jornal com o Clube Fenianos pareciam ser estreitas. Evidenciam-nas, p. ex., o convite feito aos associados fenianos para se deslocarem a Lisboa, numa homenagem a Afonso Costa organizada pela redacção do jornal (Agosto de 1915), o qual prontamente aceitaram. (ACFP – Fundo: CFP. Série: Actas de Direcção. Lv. ano 1915).

da capital, os associados podiam ler O “*Século*” ou “*O Mundo*”, jornais mais de esquerda, sendo este último o futuro órgão do maior partido republicano – o democrático, porta voz de Afonso Costa e Bernardino Machado. Caso a sensibilidade tendesse para o lado conservador, o jornal “*A Lucta*” e “*A República*”, respectivamente porta vozes de Brito Camacho e António José de Almeida, ou então “*A Capital*”, eram os jornais escolhidos. No Gabinete de Leitura do Clube podiam encontrar-se as expressões, a nível de imprensa, do republicanismo emergente, assim como das divisões que foram surgindo entre os republicanos em geral. Lá estava também “*O Intransigente*”, publicado por Machado dos Santos a partir de Janeiro de 1911. Apesar da dominância dos jornais de expressão da nova ideologia e até da existência de jornais como o “*Vintém das Escolas*” (nome da associação republicano - maçónica que mantinha uma escola maternal no Porto, sustentada pela Loja Liberdade de Progresso) encontramos, pelo menos até 1909, alguns periódicos que serviam a imprensa católica no Porto, nomeadamente “*A Palavra*” e “*O Correio do Norte*”<sup>31</sup>. A sua leitura e discussão em paralelo com a dos jornais “*O Século*”, “*Diário de Notícias*” ou “*As Novidades*” (vindos da capital e considerados livros ímpios pelo lado católico<sup>32</sup>), às quais se acrescentava o debate de temas como a lei da separação do Estado e da Igreja (discussão que não era completamente estranha à acção do Clube<sup>33</sup>), proporcionariam, certamente, considerando a presença entre os associados fenianos de monárquicos e elementos da Igreja<sup>34</sup>, discussões políticas frequentes nas salas dos Fenianos, resvalando muitas vezes para o desentendimento. Algumas das perturbações que a agremiação viveu internamente, nomeadamente nas gerências de 1907-1909, deviam-se, no entender da sua Direcção, “*a relações remotas com rivalidades políticas, que de modo algum deviam sequer ventilar-se n’uma agremiação cujo carácter é e deve ser essencialmente incompatível com assumptos de tal natureza*”.<sup>35</sup> Aliás, estas discussões políticas, qualificadas como “*vivas e apaixonadas*”, foram apontadas como um dos factores que contribuíram para a saída de muitos dos seus associados. A Direcção de 1907-08 foi mesmo acusada de incutir às suas iniciativas objectivos políticos, originando discussões e pedidos de esclarecimentos nas assembleias gerais do Clube<sup>36</sup>. Nos anos de 1907 e 1908, fruto dessas discussões, apresentam a sua demissão indivíduos que mais tarde veremos aplaudir a Monarquia do norte, casos que se repetem na gerência de 1910-11, na sequência da implantação da República, demonstrando também a presença de sensibilidades monárquicas no seio do Clube. A existência de uma inclinação política para o regime republicano leva a que, a partir dos finais de 1909 e numa altura em que os governos, face ao avançar

<sup>31</sup> SERRÃO, 1991: 483.

<sup>32</sup> SERRÃO, 1991: 482.

<sup>33</sup> Recorde-se a conferência de Afonso Costa sobre este tema realizada no teatro Águia d’Ouro (dependência do clube).

<sup>34</sup> A título de exemplo, eram sócios fenianos o padre José Lima (Igreja dos Congregados), Manuel Sousa (Asilo Terço), o padre Rodrigo Luís Tavares ou Manuel Sousa Guimarães (este do Colégio dos Órfãos).

<sup>35</sup> Clube Fenianos Portuenses Relatório de Direcção, 1909: 15.

<sup>36</sup> Acta da assembleia de 14 Novembro de 1909. (Ver ACFP – Fundo: CFP. Série: Actas de Assembleia Geral. Lv I. fls.25-28).

do movimento republicano para a própria cultura<sup>37</sup>, recorrem à repressão suspendendo jornais e mandando prender os seus redactores (ex. França Borges- director de “O Mundo”)<sup>38</sup>, o Clube Fenianos deixa de tornar passível do conhecimento público (através da publicação nos seus relatórios) quais os jornais existentes no seu Gabinete de Leitura. Essas listas de periódicos de leitura feniana, onde dominavam jornais de cariz liberal, incluindo alguns que estavam a ser perseguidos (O Mundo), apenas reaparecem nos seus relatórios após a implantação da República.

A associação da agremiação com ideologias políticas e o receio da sua força enquanto colectividade, caso o assumisse declaradamente e passasse a actuar abertamente nesse domínio, estava também na origem de propagandas contra a sua actividade, procurando minar a sua crescente influência. Os corpos dirigentes denunciavam: “*os primitivos elementos de perturbação, não se tinham extinguido; vegetavam nas sombras e, occultando nas trevas, roíam os fortes e consistentes alicerces d’uma instituição (...) indispensável ao nosso meio*”<sup>39</sup>.

A implantação da República em 1910 veio tornar, de certa forma, quase público o republicanismo inerente ao Clube, conotação que o prestigiava perante o novo regime, mas que o tornava alvo dos ataques dos opositores. Apesar de não ser um clube partidário, o seu projecto de civilização e progresso, de criação de uma cidade moderna, implicava não apenas uma intervenção a nível dos costumes, da concepção urbanística da cidade ou das infra-estruturas económicas tendentes a um maior desenvolvimento, mas também e fundamentalmente, a renovação do sistema político, devendo aproximar-se (também neste domínio) do que estava na vanguarda da Europa Civilizada – a República.

Assim, aquando do seu advento no nosso país, o Clube Fenianos não apenas saúda o novo regime como afirma ter-se realizado “*um dos seus mais ardentes desejos, mas também e sobretudo, porque via n’ella a morte da nefasta política, que no deposto regime vinha desde há muito tolhendo, cynica e systematicamente, a ancia do progresso que o Porto, dia a dia manifestava*”<sup>40</sup>. Em 1910 o Clube já não se podia afastar da vida política, nem ele o pretendia. A notariiedade que a agremiação rapidamente alcançou, as redes de influência que tecera e a concretização do seu amplo projecto de intervenção, tornaram inevitável a aproximação à vida política.

No anos que se seguiram à implantação da República, foram várias e frequentes as tomadas de posição do Clube em questões de foro político, como, por exemplo, a presença em manifestações de simpatia e homenagem a figuras republicanas, entre elas o poeta Guerra Junqueiro. Intervenções deste género aumentavam, no meio político, a simpatia pela agremiação, sendo várias as figuras republicanas que o passam a prestigiar, quer pela sua visita quer propondo-se para associados. Por esta altura o Clube decide adquirir o

<sup>37</sup> Por ex. a Academia de Ciências de Portugal era presidida por um republicano em 1908 e a Sociedade de Geografia de Lisboa havia sido fundada em 1907 por outro republicano.

<sup>38</sup> SERRÃO, 1991: 656-657.

<sup>39</sup> Clube Fenianos Portuenses. Relatório de Direcção, 1908: 18.

<sup>40</sup> Clube Fenianos Portuenses. Relatório de Direcção, 1911: 17.

busto da República. A identificação com o republicanismo era praticamente impossível de desmentir, embora ainda o fizessem, nomeadamente quando se sentiram ameaçados enquanto colectividade.

Independentemente da inclinação ou não para uma ideologia política concreta, comprovado parecia ser o “peso político” que esta agremiação parecia ter adquirido, apesar da sua categorização enquanto associação do foro recreativo cultural. Exemplo foi o apelo feito pelo Clube Fenianos, em 1912, para uma manifestação colectiva, com o objectivo de reclamar do governo republicano o seu interesse pelos projectos de lei pendentes no Parlamento e que directamente interessavam à cidade.<sup>41</sup> Na rua a multidão secundava as reclamações levadas a cabo por estas entidades<sup>42</sup>. Estando ou não os manifestantes completamente sintonizados com os objectivos da manifestação, a capacidade de mobilização destas entidades associativas era enorme, estendendo-se muito para além dos seus associados. A força com que uma colectividade, como era o caso dos Fenianos, entrava no imaginário dos portuenses (e não só), nomeadamente através da promoção de simbolismos exteriores, tornava-se um importante motor de mobilização social, fosse para acontecimentos festivos fosse para movimentos de contestação ou apoio. O “peso político” que aquelas detinham era comprovado pelos resultados positivos subsequentes aos seus movimentos reivindicativos. Ora, o resultado desta manifestação contra o atraso da aprovação dos projectos de lei apresentados pelos deputados portuenses, como o do Feniano Silva Cunha, foi a sua discussão e aprovação nas sessões legislativas seguintes<sup>43</sup>.

2 - O sucesso que o Clube Fenianos conseguira em toda esta primeira fase de vida era, na verdade, a expressão da capacidade e do dinamismo dos seus dirigentes traduzida, por exemplo, na mobilização da população para as suas causas/iniciativas. Neste âmbito, os Fenianos não se esqueceram de usar em seu favor uma das estratégias tidas como mais eficaz: a manipulação do imaginário colectivo.

Qualquer projecto/acção tendente à renovação ou intervenção, como era o do ainda recente Clube dos Fenianos, tinha que basear-se no convencimento, de forma a conseguir obter o apoio desejado. Ora, um dos mais poderosos instrumentos de propaganda, de manipulação do imaginário era (e ainda é) o uso de símbolos. A monarquia soube explorá-

<sup>41</sup> No Parlamento as questões relativas à cidade do Porto não tinham a atenção devida ou pretendida. Exemplo disso fora o caso do projecto de expropriação de zonas, apresentado pelo deputado Silva Cunha já em Dezembro de 1911 (considerado pelo município como fundamental para os seus planos de melhoramentos e de progresso da cidade) e do qual não se vislumbra qualquer resolução imediata. O mesmo ocorria em relação ao projecto acerca do imposto de consumo sobre o vinho e uva (rendimento que o município reclamava como seu), que depois de ser apresentado por Silva Cunha foi remetido para uma comissão, acto que fora entendido pelo deputado do Porto como um propósito para atrasar a sua resolução. O mesmo desinteresse parecia ocorrer em relação à proposta apresentada, em Abril, pelos deputados Ângelo Vaz, Balduino Seabra e Germano Guimarães relativa a um crédito para construção de um quebra mar no porto de Leixões. Esta questão, nomeadamente a sua elevação a porto comercial, tornara-se central para a classe comercial portuense. Sobre estas questões ver cap. III de BRITO, 2004.

<sup>42</sup> A revista *Ilustração Portuguesa* de 20 Maio de 1912, mostra-nos as fotografias referentes a essa manifestação, comprovando a adesão dos portuenses à manifestação.

<sup>43</sup> *Clube Fenianos Portuenses Relatório de Direcção*, 1912: 27.

los, a República construiu, através deles, o seu imaginário, e os Fenianos, ainda que numa outra dimensão mas com sentidos próximos, utilizou a mesma estratégia. Também ele pretendeu criar, pelo menos entre os portuenses, uma espécie de imaginário feniano<sup>44</sup>. Para alimentar este “fenianismo” e para mantê-lo bem vivo entre a população, o Clube não se socorreu apenas da utilização de símbolos como a bandeira, a gravata ou o distintivo da agremiação, da divulgação das suas publicações ou até da iluminação e decoração da sua sede. Utilizou sobretudo os rituais e os símbolos neles incorporados (festas públicas – carro de honra do clube e outros carros alegóricos). Organizados pelos Fenianos para funcionarem como uma apoteose à agremiação e seus representantes, estes momentos apresentavam-se como fundamentais para a formação desse imaginário feniano, o qual certamente também contribuiu para a rápida ascensão e consolidação do Clube no meio portuense. Daí a importância que sempre deu à promoção de momentos de exibição pública (desde as festas carnavalescas aos cortejos cívicos<sup>45</sup>). Fora a capacidade de realização destas festividades públicas que distinguiu o Clube Fenianos das diversas associações recreativas da cidade.

Promover bailes ou saraus para os associados, garantir o funcionamento do sector de jogos e a biblioteca do clube, não lhe teriam permitido conquistar a popularidade que lhe era reconhecida pelos portuenses em geral. Já os momentos de exibição pública feniana, nomeadamente as suas festividades, eram largamente referenciadas como exemplos demonstrativos do grande poder de iniciativa do Clube, assim como do seu poder de dinamização junto de toda a sociedade: por um lado, accionavam as suas complexas e amplas redes de amizade e influência (organização e financiamento das festas); por outro, socorriam-se da força que os seus símbolos pareciam já exercer no imaginário dos portuenses (propaganda/ mobilização do público).

Neste sentido, podemos dizer que o Clube Fenianos foi uma sociedade que soube utilizar em seu favor a força do simbólico, que soube reconhecer a capacidade de mobilização que os eventos festivos têm, assim como as suas potencialidades em termos de manipulação do imaginário colectivo, ajudando-o a crescer, afirmar-se e a tornar-se uma referência para todos os portuenses, sócios ou apenas adeptos. Desta forma, esta vertente da sua acção recreativa revelou-se uma trave importante, se não fundamental, na concretização do seu projecto de civilização (e na procura de projecção). Estes momentos festivos de afirmação e consagração públicas, tornavam adeptos do Clube Fenianos todos aqueles a quem as condições impostas pelos estatutos impediam de se tornarem seus associados. Ora estes indivíduos, mesmo não sendo sócios fenianos, contribuíam para a popularidade da agremiação quando aplaudiam nas ruas as suas

---

<sup>44</sup> Sobre o “Fenianismo” vivido na cidade do Porto no início do séc. XX ver capítulo II de BRITO, 2004.

<sup>45</sup> O resvalar dos objectivos Fenianos para uma dimensão política e a pretensão de continuar a ser um clube recreativo cultural, promotor de festejos públicos, deu um “*novo sentido*” à dimensão festiva que havia impulsionado esta agremiação nos primeiros anos de vida: aos festejos públicos de carácter carnavalesco impuseram-se outros - os chamados festejos cívicos -, numa evidente exaltação e apoio a uma ideologia política, ainda que fosse a do regime implantado. ver “Sociabilidade política e um novo sentido para a sua dimensão festiva”. BRITO, 2004: Cap. III.

iniciativas, popularidade esta cuja base se repartia entre associados e adeptos (divisão que garantia uma diferenciação em termos sociais tida como necessária ao prestígio da agremiação).

Tal como a Igreja e o Estado, em situações e temporalidades diversas, utilizaram os seus símbolos e promoveram os seus rituais públicos (procissões, cortejos cívicos, centenários, festas nacionais...) tendentes a consolidar o seu poder e a fortalecer a sua imagem, a evidenciar a sua superioridade, despertando nos outros fascínio e admiração, também o Clube Fenianos se serviu do mesmo instrumento para atingir os seus objectivos, de sentidos muito próximos. Utilizada de forma mais intensa nos primeiros anos de vida, esta estratégia tornou-se menos frequente à medida que a agremiação atingia o grau de consolidação pretendido ou necessário para a concretização das suas intenções. No entanto, jamais é abandonada tal é a consciência da importância destes momentos no processo de afirmação colectiva ou pessoal.

3 - A inevitável aproximação feniana ao mundo da política, aliás evidente em muitos momentos de exibição pública da agremiação<sup>46</sup>, associava o Clube ao republicanismo. A direcção desmentia qualquer orientação política da agremiação, mas os seus eixos de actuação sugeriam-no. Desta forma, em alguns dos momentos em que o regime foi atacado, o mesmo aconteceu com o clube, ou melhor, com a sua sede (símbolo máximo de uma colectividade).

O primeiro desses momentos ocorreu em Maio de 1915, no contexto do governo do general Pimenta de Castro, uma espécie de ditadura na qual se iniciou uma perseguição aos Democráticos, sendo o Clube e os seus associados também vítimas de perseguições, levando mesmo ao encerramento temporário da sede da agremiação<sup>47</sup>.

No entanto, um das acções mais graves contra o Clube ocorreu no período entre Dezembro de 1917 e Fevereiro de 1919, saldando-se na destruição parcial do interior da sua sede e no seu encerramento definitivo. Com a revolta de cinco de Dezembro de 1917, chefiada por Sidónio Pais, a consequente instauração de uma espécie de ditadura militar no país acompanhada de uma política de terror para com os adversários políticos, num ambiente onde reinava a suspeita e desconfiança das autoridades relativamente a possíveis movimentos políticos, as “buscas” e detenções passam a ser habituais, sendo muitas delas marcadas por uma acção violenta de destruição. Foi o caso da que ocorreu, por exemplo, a 14 de Outubro de 1918, na sede do Clube Fenianos Portuenses<sup>48</sup>. Nessa noite, ela fora invadida por um grupo de indivíduos que, com o intuito de a destruir,

---

<sup>46</sup> Ver “O Carnaval e o Clube ao serviço de interesses pessoais” e “O Carnaval Feniano e a política” in BRITO, 2004: cap. II.

<sup>47</sup> Muitos dos associados Fenianos eram democráticos assumidos, estando alguns deles ligados à fundação do Centro Democrático do Norte. Ver “Perseguição e destruição: o preço de um projecto de intervenção” in BRITO, 2004: cap. III.

<sup>48</sup> Na noite de treze para catorze, as autoridades tiveram conhecimento de que se preparava um movimento político de cariz republicano, o qual obedecia a um plano com ramificações em diversos pontos do país, levando-as a actuar de imediato (através de diligências e detenções) de forma a impedir a sua execução.

não só vandalizaram o seu interior, como pilharam e levaram consigo tudo o que conseguiram, deixando para trás um rasto de violência. Tudo fora destruído, desde o simples mobiliário até aos símbolos da agremiação, nomeadamente os quadros com as fotografias dos dirigentes, assim como os emblemas gravados nos vidros. O objectivo era impedir, de uma forma definitiva, o funcionamento daquele Clube e, em simultâneo, humilhar os seus principais representantes. Não era resultado de uma arruaça ou mera agitação social, mas sim um movimento de destruição com objectivos e razões concretas e ligadas, muito provavelmente, ao foro político, como demonstram os acontecimentos deste período.

Perante a situação de anormalidade que se vivia e a preponderância dos reaccionários a Direcção Feniana decide encerrar, temporariamente, a sua sede. No entanto, esta continuou a ser vítima de assaltos, de destruição e de roubos. Para além da procura de elementos que comprometessem a agremiação em termos de qualquer movimento político, o saque passava a ser outro dos objectivos, um vez que o seu espólio era já relativamente valioso.

Com a proclamação, em Janeiro de 1918, da Monarquia, a consequente instauração da Monarquia do Norte e a organização da Junta Governativa do Reino do Porto, agravava-se a situação dos republicanos. No período da sua vigência (até treze de Fevereiro) e na sequência da procura de restabelecimento dos símbolos da monarquia, o que implicava a destruição daqueles que consideravam opor-se-lhe, a sede do Clube Fenianos foi novamente vítima de assaltos e destruições, cuja autoria é atribuída aos chamados «trauliteiros» que se encontravam ao serviço da Junta Governativa do Reino no Porto. O resultado destes assaltos, saldou-se na inutilização definitiva de todas as divisões do edifício, enquanto sede de uma agremiação, e o desaparecimento de todo um valioso recheio. Desta forma, na cidade do Porto, enquanto o Clube Portuense e o Centro Monárquico eram o centro das saudações durante os momentos de manifestação pública de júbilo pela restauração monárquica, todas as outras associações que fossem identificadas com o republicanismo eram vítimas da fúria dos defensores da monarquia. Fora o caso do Clube Fenianos e do Centro Democrático Republicano, ambos vítimas de assaltos e destruições<sup>49</sup>, dos grémios maçónicos como o da rua Alexandre Herculano, dos centros republicanos e socialistas de S. Mamede de Infesta ou do Centro Democrático Afonso Costa, entre muitos outros. A simultaneidade desta violência destruidora em termos materiais, com uma violência de carácter físico, como a que estava a ser levada a cabo pelos “inquisidores monárquicos do Porto”, aquando das detenções no aljube e no Eden-Teatro, tornava quase impossível qualquer reacção, por parte da Direcção feniana para sustener os assaltos à sua sede. Foram muitos os portuenses e diversos os Fenianos que, detidos por motivos políticos, passaram pelas mãos dos “trauliteiros”, ou no Aljube ou no Eden-teatro, sendo este referenciado como um espaço onde torturavam os presos

---

<sup>49</sup> Em relação aos assaltos ao Centro Democrático Ver *Primeiro de Janeiro* de 15-02-1919.

políticos. Uma passagem atenta pelas páginas da revista “Ilustração Portuguesa” permite-nos ver imagens das marcas dessa violência física e que ficavam registadas nos corpos dos agredidos, assim como alguns dos portugueses influentes vítimas das mesmas agressões.

Na verdade, toda esta perseguição e destruição da sede Feniana era o efectivar dos riscos que o Clube assumira quando definiu e pretendeu pôr em execução um amplo projecto de renovação, pautado pelos novos ventos ideológicos (civilização e progresso) e tocando não apenas numa mas em diversas facetas da realidade. A concretização de um projecto de renovação e mudança, fosse a nível político, económico, social ou cultural, exigia naturalmente uma atitude de intervenção, que poderia traduzir-se apenas em acções de reivindicações mas também de contestação, ainda mais numa época em que havia uma oposição à mudança em determinados domínios (no político, p. ex.). O preço a pagar pela defesa dos ideais em que acreditamos, pela tentativa de os ver concretizados, pode ser muitas vezes a perseguição e repressão: foi o que, em parte, acontecera com o Clube Fenianos.

Mas, se por um lado as acções contra a agremiação se devem à própria evolução da concretização do seu projecto de renovação (inicialmente limitado ao domínio dos costumes e da festa, mas logo extravasando para outras dimensões e resvalando para a política), por outro, a incapacidade ou impossibilidade, por parte dos dirigentes do Clube, em separar os seus diversos papéis, enquanto actores sociais, em domínios e espaços diferenciados, contribuíra para que esta agremiação fosse perspectivada como uma força também política. Nela estavam reunidos elementos pertencentes quer a agremiações democráticas e republicanas quer às chefias da cidade, sendo por isso temida pelos opositores e como tal combatida.

Quando os relatórios do Clube nos falam da perseguição e detenção de alguns dos seus associados, esta ter-se-á ficado a dever mais ao passado republicano do indivíduo em causa ou à sua actividade em associações assumidas como políticas, do que ao facto de ser Feniano. Mas quando a sede do Clube fora assaltada, pesara não apenas a sua aproximação à vida política, mas também tudo o que estava inerente aos homens que o dirigiam ou que o secundavam na sua orientação, como seus associados activos. O presidente, vice presidente ou secretário Feniano, por exemplo, não eram apenas os elementos dirigentes de uma destacada colectividade. A estes cargos acrescentavam-se todos os outros que exerciam paralelamente ou que haviam exercido na cidade e fora dela, e em todos os domínios da realidade, incluindo a vida profissional e política.

Da mesma forma que a posição económico-social e política de muitos dirigentes e associados Fenianos havia emprestado os seus louros ao Clube, também lhe oferecera alguns espinhos.

4 - A construção, por parte do Clube Fenianos, de uma complexa e eficaz rede de sociabilidade, que podemos considerar também política, o resvalar para essa dimensão e a pretensão de continuar a ser um clube recreativo cultural, assim como a pretensão de intervir em várias frentes, desde a social (filantropia) até à económica, em termos de actividades desenvolvidas levou alguns autores a referirem-se a ele como tendo-se “tor-

nado uma mistura de associações de classe, de clubes, de sociedades filantrópicas<sup>50</sup>. Perspectivado como uma associação de classe certamente pelo facto de nele predominar a burguesia comercial e industrial da cidade, pugnando o clube pelos seus interesses, como sociedade filantrópica pelas importantes acções beneficentes que concretizou, destacando-se por exemplo a construção do Bairro de Benavente<sup>51</sup>, e como clube, pelas actividades recreativas próprias de uma agremiação recreativo-cultural, as quais nunca deixou de promover. Entre outros títulos que lhe poderíamos acrescentar incluem-se (para além de sociedade carnavalesca), por exemplo, o de centro de sociabilidade política<sup>52</sup>. Não sendo, de direito, um centro político como o Centro Democrático Portuense ou, no caso de outra cidade, o Centro Republicano Nacionalista Eborense, este analisado por Manuel Baiona e descrito como um espaço onde se realizavam “*frequentes reuniões partidárias, podia-se conviver falando de política ou de outros assuntos, ou lendo jornais em particular a Democracia do Sul*”<sup>53</sup>, o Clube Fenianos não deixava também de funcionar, neste âmbito, como um espaço de sociabilidade política (as discussões nesse domínio e a leitura desses jornais faziam também parte da sua rotina diária). Distinguiu-se apenas no que diz respeito à ausência de realização (pelo menos legal) de reuniões partidárias, uma vez que não estavam definidas nos estatutos. A conotação política dada aos Fenianos, assim como a outras associações recreativo-culturais do país, decorria também, como vimos, da orientação política dos que o frequentavam<sup>54</sup> e a dirigiam, identificação que ocorre também em relação aos cafés (outro potencial espaço de sociabilidade política) e ao seu público. Isto conduz-nos à noção do clube enquanto espaço de sociabilidades várias e a problematizar a sua categorização consoante aquela que, à partida, é definida como a dominante (estatutos).

Os clubes ou associações, mobilizados por diferentes objectivos consoante as épocas, num fenómeno geral e independente das diferenças locais, são estudados de acordo com “tipologias gerais” que os dividem consoante a prioridade dos objectivos consignados na sua lei estatutária. Temos assim associações ou centros políticos, associações de classe, de socorros mútuos, filantrópicas ou recreativo-culturais. Na sequência desta divisão e quando se procura, por exemplo, privilegiar a dimensão política do associativismo, a atenção recai sobre as primeiras formas de associação desvalorizando-se, por vezes, as recreativo culturais. Ainda que o estudo das associações de carácter político deva, logicamente, ter prioridade numa abordagem do associativismo nesse âmbito, não se deve no entanto

<sup>50</sup> QUEIROZ, 1992: 38.

<sup>51</sup> Sobre o seu programa de filantropia, nomeadamente a construção do Bairro Fenianos /Cidade do Porto na Vila de Benavente ver “Outros domínios de acção feniana” in BRITO, 2004: cap. III.

<sup>52</sup> Outro título a acrescentar seria o de Monte Pio pela acção desenvolvida em termos de previdência social. Sobre esta matéria ver “Dinamizando a Sociabilidade recreativo-cultural portuense” in BRITO, 2004: cap. III.

<sup>53</sup> BAIONA, 1999: 101.

<sup>54</sup> Manuel Baiona, no seu texto sobre sociabilidade política em Évora no final da I República, no qual aborda o Centro Republicano Nacionalista Eborense enquanto importante espaço de sociabilidade política, refere-se também a associações recreativas- culturais (Sociedade Harmonia Eborense, Sociedade União Eborense, Círculo Eborense), apontando-lhes uma conotação política decorrente da sensibilidade, a esse nível, dos que as frequentavam, o que aliás exemplifica: cariz republicano da Sociedade Harmonia. (BAIONA, 1999).

excluir dessa mesma abordagem, nomeadamente quando se trate da vida política local, as agremiações cuja lei estatutária leva a definir como recreativo-culturais (e que a memória consolidou como tal), uma vez que estas podem ter um papel, se não determinante, pelo menos de grande importância a esse nível.

Neste estudo, desenvolvido aliás na dissertação de mestrado em que se inclui<sup>55</sup>, analisamos o exemplo de uma sociedade, primeiramente carnavalesca, sempre recreativo-cultural, mas nunca, de acordo com os seus estatutos, uma associação política, o que não significou que a sua acção não tenha tido um papel também importante a esse nível, em especial no âmbito dos jogos do poder local.

Importa reter algumas ideias de António Teixeira, segundo o qual as associações são tidas como redes informais de poder, fonte de potenciais eleitos, estes potenciados pelos votos conseguidos face às redes de clientela e lealdades criadas<sup>56</sup>, para as quais contribuía muitas vezes os cargos que desempenhavam nas ditas associações. Ou seja, o poder reputacional do associado/ dirigente do Clube, traduzido numa grande estima e capacidade de mobilização sobre a população e sobre os outros actores sociais presentes num mesmo sistema de relações, torna-se não só um poder efectivo como pode ser um mecanismo que conduz ao poder político. Das redes informais de poder emergem para as redes formais. A relação entre estas duas estruturas é importante para compreender os jogos de poder numa comunidade, assim como a orientação que aquela dá à sua acção.

Pelo que analisamos, pensamos que a categorização de uma associação, ainda que na maioria dos casos nos possa dar a imagem da sua actividade predominante, pode também ocultar parte importante da sua acção/contributo noutros domínios da realidade social. Em muitos casos esta limitação não é suprimida pela análise dos seus estatutos, uma vez que estes, ainda que resumindo os vectores determinantes da sua actividade, não conseguem abarcá-la na sua totalidade. Apenas a análise concreta e aprofundada da mesma permite desvendar aquilo que é ocultado pela sua categorização.

Se a abordagem das suas actividades apenas tiver em consideração as predominantes na sua lei estatutária ou no imaginário da sociedade, ou se não tiver a preocupação de as inserir nos contextos sociais que as envolvem, facilmente somos levados a aceitar o rótulo que lhes é atribuído sem sequer o questionar. Ora, a concretização de um projecto amplo como o que o Clube Fenianos procurara pôr em prática, tocando em diversas facetas da sociedade e indo muito além dos seus estatutos, exemplifica os limites de uma categorização que não parece prever a simultaneidade de objectivos em campos de acção tão diversos e com igual importância (recreativo, cultural, económico, político, social ...).

5 - Independentemente da verdadeira essência do Clube Fenianos, das dimensões em que actuou, este parece ser um bom exemplo da importância que o associativismo

---

<sup>55</sup> BRITO, 2004.

<sup>56</sup> FERNANDES, 1993: 20.

(mesmo o recreativo cultural) e as relações que potenciava tinham, no início do século XX, nomeadamente na potencialização de outras relações identificáveis, por exemplo, nos jogos do poder local ou até mesmo nos de âmbito nacional.

No caso do Clube Fenianos, se ele foi certamente um meio encontrado para uma participação activa na vida colectiva da urbe e do país, na construção de uma sociedade segundo um projecto definido segundo os seus valores, com todas as suas traduções económicas, políticas, sociais, cultural..., não podemos perspectivar a actividade feniana, neste período, apenas como “fundamental na animação recreativa da urbe”<sup>57</sup>. François Guichard, ao referir-se ao Clube Fenianos desta forma, pensava certamente na sua acção carnavalesca, que se inclui na sua dimensão recreativa. Importante, sem dúvida, ela não resume a actividade desta agremiação, nem é a única responsável pelo prestígio que Guichard lhe reconhece. Podemos vê-la, sim, como uma sociedade recreativa-cultural carnavalesca, mas principalmente como um projecto de civilização e progresso, que procurou intervir em várias frentes, inclusive no domínio político, mobilizado por homens que procuravam simultaneamente uma auto-projecção.

No final deste estudo importa dizer que, quando analisamos os sentidos sociais inerentes à actividade de uma associação, independentemente dos objectivos estipulados nos estatutos e da categorização em que se insere, não podemos esquecer que estas são mobilizadas por indivíduos que para além do título de associados ou dirigentes dessas mesmas associações, incluíam no seu curriculum vitae muitos outros títulos. Na maioria das vezes, aquela era apenas uma das muitas formas de organização por parte desses mesmos indivíduos, os quais se organizavam também em associações de classe, políticas, religiosas, filantrópicas.... Importa assim conhecer as experiências desses mesmos homens nas suas várias vertentes (económica, política beneficente...), procurando saber em que medida essa realidade influenciou as orientações da agremiação em causa, as quais podem oscilar entre domínios opostos da realidade.

Importa ter uma perspectiva acerca destes indivíduos, o mais aproximada possível das que nos ofereciam os diversos ângulos a partir dos quais eles eram perspectivados no seu meio, para assim procurar reconstituir as relações sociais por eles estabelecidas assim como as suas potenciais áreas de intervenção.

Há que relembrar que o movimento associativo que se desenvolve ao longo do século XIX e entra pelo século XX “*cria[ra] e conquista[ra] modalidades de os cidadãos participarem na sociedade*”<sup>58</sup>, participação que se podia verificar a vários níveis. Possuindo uma capacidade legitimada de intervenção na sociedade, as associações, incluindo as recreativas culturais, para além de assumirem um papel fundamental em termos de reestruturação da sociabilidade<sup>59</sup>, acabam por funcionar também como instrumentos de legitimação e consolidação de posições sociais, levando os seus beneficiários não apenas a instrumentalizar as práticas de lazer previstas nos estatutos, mas também a incluir nas

<sup>57</sup> GUICHARD, 2000.

<sup>58</sup> VILAÇA, 1993: 4 e 44.

<sup>59</sup> MEHL, 1982.

actividades destas agremiações outras formas de participação na sociedade. Daí que alguns clubes de carácter recreativo acabassem por alargar a sua acção a outras esferas da sociedade, nomeadamente no domínio social e político. O Clube Fenianos Portuenses foi disso exemplo.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 1. Abreviaturas:

ADP – ARQUIVO DISTRITAL PORTO  
 AHMP – ARQUIVO HISTÓRIO MUNICIPAL PORTO  
 ACFP – ARQUIVO CLUBE FENIANOS PORTUENSE  
 AFCFP – ARQUIVO FOTOGRÁFICO CLUBE FENIANOS PORTUENSE  
 BPMP – BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL PORTO

### 2. Fontes impressas e manuscritas:

*Estatutos do Club Fenianos Portuenses*. Porto: Typographia Mendonça, 1912. 22 p. - ACFP – Fundo: CFP. Série: Estatutos.

PATRÍCIO, Francisco José – *Variedades: colectânea de artigos escritos em jornais entre 1900 e 1903*. (não publicado)

*Relatórios Club Fenianos Portuenses: Relatório de Direcção*. Porto: Typographia a Vapor Empreza Guedes, [1905-1920] . - ACFP – Fundo: CFP. Série: Relatórios de Direcção. Lv.1-15.

*Relatório da Comissão Executiva do Bairro da Cidade do Porto em Benavente*. Porto: Typographia a Vapor Empreza Guedes, 1917. ACFP – Fundo: CFP. Série: Benavente. Pasta: Relatório.

*Relatórios a Sociedade Humanitária (Real)*. Porto: Typographia a Vapor, [1895-1918]. - ACFP – Fund : Real Sociedade Humanitária. Série: Relatórios de Direcção. Lv. 1-8.

*Echo Feniano e Girondino*. Porto: Costa & Carvalho, 1906. N.º 1 – 11 [Fevereiro a Dezembro].

*Echo Feniano e Girondino: supplemento ao n.º 3*. Porto: Costa & Carvalho, Maio 1906.

*Echo Feniano e Girondino no Carnaval de 1907-08*. Porto: Costa & Carvalho, 1908.

*O Porto Carnavalesco*. Porto: Empreza Litteraria e Typograohica, 1906-1908. n.º 1-3.

*O Porto Carnavalesco*. Porto: Tipografia Leitão, 1939. n.º 4.

ADP – Fundo: Governo Civil do Porto. Série : Associações – Estatutos. Maços 101, 118-120, 130-155 (1634-1925) e 186-192.

ACFP – Fundo: Clube Fenianos Portuenses: Série: Actas de Direcção. Lv. I -V (1904-1920).

ACFP – Fundo: Clube Fenianos Portuenses: Série: Actas de Assembleia Geral. Lv. I - III (1904-1920)

ACFP – Fundo: *Clube Fenianos Portuenses: Série: Copiador de Correspondência. Lv. I. (1904-05)*

ACFP - Fundo: CFP. Série: Actas. Pasta: documentação vária.

ACFP – Fundo: CFP. Série: Documentação Legal. Pasta: Estatutos do Clube Fenianos.1904 e 1912.

ACFP - Fundo : Clube Fenianos Portuenses. Série : Documentação legal. Pasta: Contractos.

#### *Legislação:*

Decreto de Lei de 29 Março de 1890 - Colecção de Legislação Portuguesa. 1890. p. 164- 165 (associações)

Decreto de Lei de 15 Junho de 1870 - Colecção de Legislação Portuguesa. 1890. p. 303-304 (associações)

Literatos e cronistas:

CHAGAS, João – *Homens e Factos: 1902-1904*. Coimbra: França Amado Editor, 1905.

DIAS, Carlos Malheiro – *Cartas de Lisboa: 1904*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1905.

DIAS, Carlos Malheiro – *Cartas de Lisboa: 1905-06*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1907.  
SARAIVA, José – *Á Porta do Lino*. Famacião: Minerva, 1933. 379 p.

### 3. Bibliografia

- As Constituintes de 1911 e os seus Deputados*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1911. 541p.
- AZEVEDO, António; GOMES, Marques; LEITÃO, Joaquim - *Livro de Ouro da 1ª Viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao norte de Portugal*. Foz do Douro: ed. Carlos Pereira Castro, 1908. 195 p.
- BASTOS, Carlos (org.) - *Livro de Ouro do Comércio e da Indústria do Porto*. [Porto]: Carlos Basto, 1943.
- BERNARDO, Maria Ana Rodrigues – *Sociabilidade e Práticas de Distinção em Évora na Segunda Metade do século XIX: O Círculo Eboense*. Évora. Departamento de História da Universidade de Évora, 1992. 300 p. Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica.
- BRITO, Sandra – “*Clube Fenianos Portuenses: um projecto de civilização, uma busca de projecção*”. Tese de mestrado. 2004. FLUP (texto policopiado).
- BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. 311p. ISBN 972-29-0014-05
- CARVALHO, José Murilo – *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 166 p. ISBN 85-7164-128-5.
- CARVALHO, José Murilo – *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 196 p. ISBN 85-85095-13-X.
- CHARTIER, Roger – *A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Porto: Afrontamento, 1990*.
- CORBIN, Alain – *História dos Tempos Livres*; Lisboa: Teorema, 2001. 514 p. ISBN 972-695-464-9
- CUNHA, Maria Clementina Pereira - *Ecoss de Folia: uma História Social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 396 p. ISBN 85-359-0104-3. Tese de Doutoramento.
- CRUZ, Maria Antonieta - *Os Burgueses do Porto na Segunda Metade do Século XIX*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1999. 711 p. ISBN 972-8386-23-0. Tese de Doutoramento. 1994
- DAUMARD, Adeline – *Hierarquia e Riqueza na Sociedade Burguesa*. S. Paulo: Perspectiva, 1985.
- DAUMAR, Adeline (dir.) – *Oisiveté et loisirs dans les sociétés occidentales au XX siècle*. Abbeville: Imprimerie Paillart, 1983
- ELIAS, Nobert – *O Processo Civilizacional*. Lisboa: Publicações D. Quixote. 1989-1990. 2 vols.
- GOMES, Mário José Afonso – *Da Vida Social em Elvas: As Instituições de Sociabilidade de Finais do Século XIX a Meados do Século XX*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1996. 286 p. Tese de Mestrado em Literatura e Culturas Portuguesas.
- LOPES, João Teixeira – *A Cidade e a Cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. [s.l.]: Edições Afrontamento/C.M.P. 390 p. ISBN 972- 36-0529-5.
- MEIRELES, José - *Pelo Porto*. Famacião: Fernando Machado editores, 1941. 245 p.
- RAMOS, Luís A. Oliveira (dir.) – *História da Cidade do Porto*. 3ª edição. Porto: Porto editora, 2000. ISBN 972-0-06276-2.
- REIS, Artur Duarte Sousa - *Jornais do Porto*. Porto: BPMP, 1999. 84 p. ISBN 972-634-092-6.
- VILAÇA, Helena Carlota Ribeiro – *Associativismo e Movimentos Sociais: modalidades de participação*. Porto: FLUP, 1993. 139 p. (Provas de Aptidão Pedagógica e Científica)
- VOVELLE, Michel - *Ideologias y mentalidades*; trad. de Juana Bignozzi. 1ª edição. Barcelona: Ariel, 1985. 327 p.

### Artigos:

- BAIONA, MANUEL - *Sociabilidade Política no final da I República em Évora: O Centro Republicano Nacionalista Eboense*. Separata das Actas do Congresso “Maia-História Regional e Local”. [S.l. : s.n.], 1999. pp. 85-103.

- BRITO, Sandra – *O Carnaval e o mundo burguês in Porto*, Universidade - Revista da Faculdade de Letras: História 2006 (no prelo).
- FERNANDES, António Teixeira – Poder Autárquico e Poderes Difusos. *Revista de Sociologia*. Porto: FLUP. Série I. vol. III (1993), pp. 9-34.
- FERNANDES, António Teixeira – Espaço Social e suas representações. *Revista de Sociologia*. Porto: FLUP. Série I. Vol II (1992), pp. 61-100.
- GABINETE DE HISTÓRIA DA CIDADE – Os Homens da Governança. *Boletim Cultural*. Porto: C.M.P. 1949, vol. XII, Fasc. 3-4 [Setembro-Dezembro 1949], p. 332-340.
- GUICHARD, François – O Porto no século XX. RAMOS, Luís A. Oliveira (dir.) – *História da Cidade do Porto*. 3ª edição. Porto: Porto editora, 2000
- JORNADAS DE ESTUDO NORTE DE PORTUGAL – AQUITÂNIA, III, Porto, 1993 - CRUZ, Antonieta – O Poder Regional: Mitos e Lendas: actas. CENP: Publicações da U.P., 1996. pp. 403-413.
- MEHL, Dominique – Culture et associatives. *Sociologie du Travail*. N° 1. 1892
- ROQUE, João Lourenço – Coimbra de Meados do Século XIX a Inícios do Séc. XX: Imagens da Sociabilidade Urbana. Revista da História das Ideias: Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1990. vol. 12. pp. 301-337.
- VIEGAS, José Manuel Leite – Associativismo e Dinâmica Cultural. *Sociologia: problemas e práticas*. [s.l.]: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/Real Editores. n.º 1 (Junho 1986). pp. 114-122.
- VILAÇA, Helena – Associativismo Urbano e Participação na Cidade. *Revista de Sociologia*. Porto: FLUP. Série I. vol. I (1991), pp. 175-186.